

## COMENTÁRIO

---

SOBRE O TEXTO “TEORIA DOS SISTEMAS E PESQUISA EMPÍRICA:  
UM RECORTE POSSÍVEL PARA O ESTUDO SOCIOJURÍDICO?”,  
DE AUTORIA DE MARCO ANTONIO LOSCHIAVO LEME DE BARROS

*Roberto Dutra*

O artigo propõe analisar o lugar e o significado da pesquisa empírica na teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann, tendo como foco o estudo dos fenômenos socio-jurídicos. Tomando como ponto de partida a epistemologia construtivista radical que

orienta a teoria dos sistemas de Luhmann, o autor deixa claro que pesquisa empírica nesta escola teórica não pode significar a tentativa de descobrir uma realidade objetiva e oferecer explicações de causas necessárias. Ao romper com esta perspectiva empirista, destaca o autor, a teoria dos sistemas apenas pode acomodar um trabalho de pesquisa empírica que entenda a realidade como construção de observadores, mais especificamente, de sistemas que se auto-observam.

Daí a própria distinção entre teoria e empiria não fazer muito sentido da perspectiva da sociologia sistêmica. Toda pesquisa empírica é atividade de observar observadores e observações: é observação de segunda ordem dos sistemas sociais que se auto-observam. E como toda pesquisa empírica é informada por distinções, categorias e decisões teóricas, há sempre uma teoria selecionada e atualizada nesta atividade. Na sociologia sistêmica, a distinção entre teoria e empiria não é de gênero, mas sim de foco e abrangência. Em geral se espera que a pesquisa empírica esteja envolvida com um leque mais restrito de referências sistêmicas do que aquele típico da teoria. Enquanto observação de segunda ordem, a atividade sociológica não pode se eximir de perceber a si mesma como contingente e limitada: contingente porque fruto de distinções que podem se alterar e limitada porque as informações produzidas pela sociologia não possuem aplicabilidade direta em nenhum outro sistema social. Qualquer aplicação prática do conhecimento sociológico, ressalta o autor, depende de atividade operativa autônoma do sistema social eventualmente irritado por este conhecimento, que filtram e selecionam o que a sociologia produz a partir de seus próprios códigos e programas.

Outro aspecto importante trazido pelo texto é a tentativa de explorar as consequências metodológicas da perspectiva sistêmica sobre a pesquisa empírica. Ao lado das teorias, os métodos de pesquisa são programas que orientam a atividade científica. Enquanto a teoria oferece descrições improváveis e surpreendentes do mundo, os métodos estabelecem as regras que devem ser seguidas para aplicar o código verdadeiro/falso às proposições teóricas. Isso significa que o foco de diferentes técnicas de pesquisa e os diferentes aspectos metodológicos se fundem e se inter-relacionam com base na teoria adotada.

No entanto, apesar de correta, esta reflexão metodológica ficou muito superficial no texto. O autor afirma que a teoria dos sistemas adota uma atitude exploratória diante dos fenômenos sociais, assume uma preferência por métodos qualitativos e considera secundária a tarefa de testar hipóteses. O primeiro problema é que, se estas três afirmações podem ser verdadeiras, elas não são sempre verdadeiras. Roth (2013), por exemplo, realizou um estudo quantitativo sobre a hipótese da colonização econômica da sociedade com base na análise do “Google Books corpus” entre 1800-2000 nas línguas inglesa, francesa e germânica. Muitos estudos de caso orientados pela

sociologia sistêmica, apesar do uso preferencial de métodos qualitativos, não deixam de buscar o teste e a refutação de hipóteses (ver PEETZ, 2014).

Além desta limitação metodológica incorretamente atribuída à teoria sistêmica, me parece que há também um problema substantivo no texto. Apesar de defender a observação multinível como caminho mais coerente com uma teoria que distingue vários níveis de formação sistêmica, o autor destaca a dificuldade de estudar sistemas funcionais como justificativa para escolher preferencialmente o estudo de sistemas organizacionais e de interação. O texto fica devendo a identificação e análise destas dificuldades no estudo de sistemas funcionais. Fato é que muitos estudos de sociologia histórica tomam a evolução e a globalização de sistemas funcionais como foco de observação, ainda que investiguem especificamente determinadas organizações e tendências organizacionais. Petzke (2013), por exemplo, em seu estudo sobre os movimentos missionários cristãos que emergem no século XIX nos Estados Unidos, aborda globalização moderna do sistema funcional da religião, praticando um tipo de análise multinível que também abarca a dimensão macrosocietária dos sistemas funcionais, e não apenas as dimensões meso e micro de organizações e interações.

Em resumo: o artigo traz uma importante contribuição sobre a orientação epistemológica da pesquisa empírica com base na teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann. Mas não desenvolve suficientemente o horizonte metodológico e a abrangência da análise multinível que se pode desenvolver com base nesta teoria.

## BIBLIOGRAFIA

- PEETZ, Thorsten, 2014. *Mechanismen der Ökonomisierung. Theoretische und empirische Untersuchungen am Fall "Schule"*. Konstanz: UVK.
- PETZKE, Martin, 2013. *Weltbekehrungen: Zur Konstruktion globaler Religion im pfingstliche-evangelikalen Bewegung*. Bielefeld: Transcript Verlag.
- ROTH, Steffen, 2013. *The Fairly Good Economy: Testing The Economization Of Society Hypothesis Against A Google Ngram View Of Trends In Functional Differentiation (1800-2000)*. *Journal of Applied Business Research*, Clute Institute, 29 (5), p. 1495-1500.

